

## TEMPORALIDADE EM BERGSON E MERLEAU-PONTY

### *TEMPORALITY IN BERGSON AND MERLEAU-PONTY*

**César Cola**

Professor adjunto da Universidade Federal do ES, artista plástico.  
cpcola@terra.com.br

**Resumo:** O texto discorre sobre intervenientes filosóficos alusivos a questões da temporalidade. Para tal, foram selecionadas dentre as teorias de Henry Bergson e Maurice Merleau-Ponty, as que abordam o tema. Começando com citação poética de Mário Quintana sobre tempo do relógio, entra posteriormente nas teorias dos filósofos, demonstrando as mesmas dúvidas, incertezas sobre o tempo cronológico tão caro à ciência clássica e consolidado no senso comum cotidiano.

**Palavras-chave:** Tempo. Temporalidade. Fenomenologia. Percepção temporal.

**Abstract:** *This article researches temporality as found in Bergson's and Merleau-Ponty's theories. It starts with a poetical talk from Mario Quintana about time in a chronological way as considered by scientific clock measurement. Then consider theories from both philosophers, showing the same doubts about chronological time which common sense and science consider so precious.*

**Keywords:** *Time. Temporality. Fenomenology. Time perception.*

\* \* \*

### **Reflexão inicial**

Pensamos no tempo, estamos impregnados de tempo, de questões temporais que nos acompanham cotidianamente. Paramos muitas vezes geralmente para considerar como determinado intervalo temporal parece ter demorado mais do que outro. Percebemos algumas atividades como nos causando impressão de rapidez, outras, de lentidão.

Considerações filosóficas, devaneios poéticos, letras musicais, títulos de obras de arte etc. parecem alimentar-se com o fenômeno tempo: “Não se devia permitir nos relógios de parede esses ponteiros que marcam os segundos: eles nos envelhecem muito mais do que os ponteiros das horas”. (Quintana, 2003, p. 121). E poderemos constatar na leitura deste texto como a fala poética de Mário Quintana vem ao encontro das teorias dos filósofos Bergson e Merleau-Ponty.

Estipulamos paralelos entre o tempo do desejo e o tempo da necessidade; o tempo da juventude e o tempo após a juventude. Demarcar territórios, limites. Que limites, critérios, poderão ser utilizados? Que portas da percepção adentrarmos para considerar este misterioso fator tempo que parece nos pertencer?

Podemos perguntar às pessoas que lêem ou também às que não lêem com frequência sobre esse inevitável e fiel companheiro, muitos terão coisas para falar. Ficaremos surpreendidos como diferentes idades estão preocupadas, possuem conceitos pessoais sobre o assunto.

De qualquer forma e coincidentemente, autores consagrados como Merleau-Ponty e Bergson pensaram, estudaram, escreveram sobre o tempo. Apesar de suas idéias esclarecerem muito do que tateamos na escuridão, não esgotam todas as curiosidades, deixando ainda lacunas que

podem ser preenchidas sobre o fenômeno. Mas as teorias destes dois filósofos nos são valiosas, resolvendo propor essa reflexão sobre assunto tão polêmico. Os pensamentos dos autores são expostos em paralelo, esperando que tal procedimento possa promover uma posterior reflexão em cima das conclusões contidas em seus escritos. Convém esclarecer que suas teorias nem sempre vêm ao encontro umas com as outras, sendo em determinados aspectos até mesmo contrárias.

Logicamente, a presente exposição não esgota todas as considerações dos filósofos sobre o assunto. O texto traz um recorte nas falas dos autores tendo como fundamento determinadas escolhas feitas em cima do pensamento de Bergson e Merleau-Ponty. Dessa forma, acredito que meu pensamento também é colocado mesmo quando faço recorte nos escritos de diferentes teóricos. Nossas singularidades, nosso inconsciente não nos deixa ser tão imparciais, muitas vezes inclusive nos surpreendendo. Para leitores que desejam um maior e melhor entendimento e aprofundamento, é aconselhável a leitura das obras originais aqui estudadas.

### **A reflexão de bergson**

Para abordar a questão temporalidade em Bergson (1859-1941), é fundamental falar sobre o que o filósofo denomina de intelecto e experiência pura. Esses dois conceitos são a base para uma adequada compreensão das considerações do autor sobre a temporalidade.

Nós somos evolutivos, seres feitos para pensar. Somos em grande parte o que denomina intelecto. Tal conceito é diretamente associado a sólidos geométricos, a questões numéricas, quantitativas. Nesta qualidade, temos grande satisfação e preferência em buscar o contacto com objetos inanimados, especialmente sólidos geométricos. O intelecto busca a geometria, fugindo do contato mais aprofundado com as experiências, as vivências. O pensamento caminha de descoberta a descoberta, imerso em um mundo de conceitos, não englobando toda a vida, toda a experiência cotidiana. Prioriza poucas coisas, conceitos hermeticamente arquitetados, englobando apenas uma fatia da vida. Os modelos estipulados por esse pensamento conceitual, também chamados de geométricos por Bergson, irão ruir com o tempo, por serem rígidos, limitados, racionais, herméticos. Assim, tudo é reconstrução de um mundo, tudo é demasiadamente simbólico. É como se criássemos algo antes do absoluto, evitando que a experiência da vida acontecesse de forma fenomenológica, essencial, natural.

Preconiza outras formas de consciência, que poderiam ser amalgamadas ao intelecto, não desprezando o mesmo, mas que ele (o intelecto) seja combinado, agregado ao que chama de diferentes consciências. Não temos o poder de transcender ao intelecto, pois é por meio dele que percebemos, vemos, vivemos as outras formas de consciência. Mas não somos puro intelecto, temos forças complementares ao conhecimento em nós mesmos. Conseguimos algum contato com essas forças complementares quando estamos particular e singularmente silenciosos. Deveríamos buscar expandir tais vivências internas, pois fazem parte do que o autor denomina evolução da natureza, teoria da vida. Ao que parece, assemelha-se a um estado de meditação, contemplação, que alcançamos com o silêncio interior. Tal teoria da vida poderia juntar-se ao conhecimento em um processo circular sem fim – uma vertente influenciando a outra.

Somos seres em constante evolução, cada segundo é precioso no processo evolutivo, em nossa vida. O conhecimento que possuímos parece ser mais importante para nós mesmos do que para os outros, para o mundo. Realmente sofremos mudanças com muita constância, passando de um estado para outro. Compreendemos esses estados, no entanto, como blocos

muito rígidos. Falamos dos mesmos como se acontecesse uma mutação espontânea, rápida. Mas estes estados surgem muito lentamente, e cada momento da vida é essencial no processo. A transição é contínua. Percebemos uma mudança apenas quando ela torna-se significativa para nós ou para os outros. Mas o estado que permanece em nós é mais variável do que conseguimos percebê-lo; nos enganamos, achando que alcançamos estados permanentes, quando na verdade eles não existem.

Os fatos que nos sucedem no cotidiano são surpreendentemente ligados, a vida é global e não dividida em partes. Essa ligação reflete-se na existência física total do homem. Mas insistimos em separar artificialmente nossas mudanças, nossa existência em blocos estanques, criando uma espécie de ego imutável, até que surja outra mudança que venha a transformar o mesmo. Nesse pensamento, existir é algo rígido, subdividido em momentos distintos e específicos que funcionam separadamente. Mas se a existência ocorresse dentro de tal padrão, não haveria duração (*durée*).

A imitação artificial é adequada ao pensamento lógico, para a linguagem. Estipula um momento sobre o outro. Mas nossa existência não é um momento sobre o outro, ou um momento que esteja a todo tempo respondendo ao outro geometricamente. O pensamento nos acompanha a cada instante, sendo que a consciência não volta ao mesmo estado duas vezes. Aqui retornamos ao conceito contido acima: mudamos sem cessar.

Bergson exemplifica a constância da mutação de nossa personalidade assim como o processo criativo do pintor: nunca sabe exatamente como a obra estará no final, pois é impossível conceber a obra antes da mesma estar terminada. A razão é diferente de indivíduo para indivíduo. Na geometria, as conclusões são imutáveis, impessoais. A razão, porém, atua de forma diferente em diferentes indivíduos. As soluções encontradas pelas pessoas para os problemas apresentam-se de forma singular, pessoal, subjetiva, fenômeno diferentemente da geometria.

Critica a ciência e o senso comum por isolar o objeto para então analisá-lo, sem considerar o tempo. O intervalo nunca é considerado, mas apenas o fim, desprezando o intervalo até chegar a determinado fim, conclusão que, na verdade, uma vez alcançada, já está em transformação. O objeto deveria ser retornado, reintegrado ao processo do qual foi separado, mas a ciência e nós também não contemplamos esse procedimento.

Exemplificando, podemos pensar em uma aula. Ficamos concentrados no início e, principalmente no fim do processo. Perguntamo-nos se os alunos entenderam o conteúdo ministrado. Relegamos, no entanto, outros fatores que sucederam durante todo o processo didático, digamos, determinadas atitudes que podem ter sido extremamente significativas, mas que delas só nos restou uma lembrança vaga. Desta maneira, pensamos no resultado como estanque. Muitas coisas que sucedem, escapam da nossa vivência, da nossa percepção e nós não as levamos em consideração. Ao estarmos cursando um mestrado, pensamos em uma pessoa que irá existir após conclusão do mesmo, com se o título de mestre, o ser mestre funcionasse sem os mínimos detalhes que sucederam durante a formação.

Poderíamos alcançar uma plenitude mais importante se pudéssemos estar concentrados na duração (*durée*) do que em momentos estanques subdivididos em A, B, C. Imaginemos uma régua na qual estivessem determinados diferentes pontos: A, B, C. Assim procede determinados paradigmas do pensamento científico clássico, condicionados a intervalos matematicamente calculados, evitando a experiência imediata com o objeto, o fenômeno, a expressão, o singular.

O privilégio às extremidades e intervalos petrificados de duração impede que possamos contemplar um sistema que Bergson chama de sistema natural, duração, na qual estão subjacentes outras formas de consciências, conhecimentos que poderiam enriquecer o intelecto. Caso não seja contemplado o que chama de sistema natural, duração, expressividade, criatividade, estaremos entendendo o pensamento como uma bola de neve que, ao rolar, adere camadas em si mesma sem reflexão, vivência do processo inteiro.

### A reflexão de Merleau-Ponty

Merleau-Ponty (1908-1961) acredita que a temporalidade é formada por fatos psíquicos. Tempo, conseqüentemente, é uma forma de sentido interno, subjetivamente construído. É como se houvesse uma necessidade interior de formatarmos o tempo. Tal necessidade contempla o passado (A), o presente (B) e o futuro (C), sendo que tanto a anterioridade quanto o porvir existem nos processos subjetivos.

Apesar do senso comum também contemplar a anterioridade e a posterioridade, sua noção é considerada errada, inconsistente, por ser formulada como uma sucessão de momentos atuais. Os psicólogos, ao fazerem uma projeção do passado para hoje, pretendem lidar com uma conservação psicológica do passado, projetando-a para o momento atual, mas é impossível compreender determinada consciência do passado. O passado hoje é sempre outro. A objetividade deve ser abandonada, pois ela pressupõe, mas não consegue apreender.

A consciência seria uma forma de contemporaneidade de todos os tempos. Existe determinado campo de presença que lida incessantemente com um transcorrido e um transcorrer. Dessa forma, qualquer posição temporal, lidando com um antes e um depois, essa anterioridade e esse porvir são reabertos hoje. Eles existem sempre, sendo formatados à luz de um hoje que perpassa pelas duas dimensões. Mesmo que não pensemos em determinado porvir, ele está sempre ali em determinado estilo e sabor. O ambiente, os objetos, também podem ser exemplificados: possuem, como dito anteriormente, uma circunvizinhança, um fundo. O hoje traz algo parecido, sendo contemplado com as circunvizinhanças do antes e do depois. Assim, uma caneta sofre modificações temporais relacionadas às duas circunvizinhanças. O momento atual modifica o precedente, sendo que de forma rápida o presente se torna um passado, projetando sobre um tempo entendido como presente, mas que rapidamente também será passado.

Tempo é visto como uma rede de intencionalidades, funcionando diferentemente de uma linha reta. O passado e o porvir, sendo contemplados no hoje, trazem dimensões de sentidos que não estavam presentes na anterioridade, pois passam a possuir uma dimensão de um olhar expressivo atual. Não estarão na posterioridade, pois o porvir pode até mesmo não chegar a acontecer. O olhar lançado na anterioridade é um olhar recente, contemporâneo. Acontece o mesmo com o porvir, sendo que admitimos no provir uma dimensão ressignificada do passado. Husserl também fala de um passado imediato, recente, mas que, no entanto, é sempre passado. Ao ser lançado um olhar na anterioridade, esta é formada por instâncias derivadas da consciência do passado, assim como olhar uma rocha no fundo de um lago contém marcas da água que a encobre. Contém modos derivados como A', A'', sendo A uma referência, uma razão comum. O agravante é olhar A como se fosse um ideal, quando funciona como razão comum, inclusive no próprio devir, mas sempre contemplando a dimensão de que dele brotam as impressões, as sensações (*Abschattungen*) A' e A''.

A presença toca o porvir e o passado. Carrega uma mobilidade, de forma que o presente escapa ao próprio presente, visualizando, apontando na direção desse porvir e um passado

próximo alcança os dois nesse exato local onde eles se encontram. Existe ali um só fenômeno, o tempo é único. Passado, presente, futuro executam um só movimento. Comparando-o a um determinado gesto corporal que executamos: muitos músculos são chamados, mas para realizar um determinado movimento ele é o ato, não as contrações musculares invocadas. Existe uma desintegração contínua quando se passa de B para C: B torna-se B', A' contempla A" e C já começa a perder sua substância. A, ao se tornar B, carrega a tendência de se tornar A'; B quando se torna C, já traz sua transformação em B' e C está condenado à desintegração, transformação. Merleau-Ponty figurativiza essa idéia assim como a janela de um carro que passa rapidamente por uma paisagem. Da janela, você tem um panorama, mas é movente, ele se aproxima e se distancia de nós. Cada momento presente está esboçado em nosso passado imediato. Em suas próprias palavras, ser e passar são sinônimos. A existência, o agora, resgata o anterior, invocando também o porvir, mas assim que se realiza, é impelido para o passado. O próprio futuro também se destina ao passado, bastando lembrarmos de que o passado já foi também um futuro. A temporalidade pode ser vista como um porvir que vai para o passado vindo para o presente.

A circularidade é a forma que melhor caracteriza visualmente a temporalidade, qualquer linearidade dos fatos, concepção de agora sobreposto a outro agora é rejeitado pelo autor, pois o fenômeno acontece por inteiro. Presente, passado, futuro, são perspectivas. Presente é um instante, mas também o dia todo, o tempo todo, a vida toda, inteira. Passado é uma percepção interior, ou uma percepção da imaginação. Dessa forma, estamos nos comunicando com nós mesmos incessantemente, mas o fazemos nos comunicando com o mundo. Entramos em contato conosco ao nos comunicarmos com o mundo, com o outro.

Nossas decisões partem do presente, mas estão relacionadas a um passado e a um futuro. Não podemos ser espontâneos por si, mas o somos na medida de um tempo que contempla a anterioridade e o porvir. Por sermos o surgimento do tempo, somos ao mesmo tempo passivos e ativos. O sentido subjacente ao mundo a que pertencemos está relacionado ao meu aparecimento no mundo. O sujeito é inseparável do mundo, pois é projeto desse mundo, mas de um mundo que esse mesmo sujeito projeta. Todo sentido que possa existir é um sentido relacionado ao meu aparecimento, minha existência.

Operamos uma montagem universal sobre o mundo. Ao observarmos uma pintura, não buscamos uma síntese, mas privilegiamos um campo sensível, perceptivo. Meu aparecimento traz o sentido para os objetos, os fenômenos, mas esse ato contém um determinado ponto de vista, uma certa posição do observador. O mundo e o tempo são horizontes do meu presente. Como colocado anteriormente, esse presente está ligado a um passado e a um futuro que funcionam circular, rejeitando toda linearidade, sobreposição objetiva de um agora sobre outro agora que surge.

Interessante observarmos a noção de corpo objetivo e de corpo fenomenal. O corpo como nós o temos, fisicamente constituído, é empobrecido em relação ao corpo fenomenal. Relação entre corpo e alma só pode ser contemplada quando pensamos no corpo fenomenal. A ciência nos habitua a concebermos o corpo como constituído de partes separadas, quando na verdade ele nos apresenta por inteiro. Podemos traçar um paralelo quanto a questões alusivas ao tempo. Corpo objetivo seria um tempo linear, duro, cronológico. Corpo fenomenal indica tempo circular, subjetivamente singular, existencial e expressivamente constituído.

O pensamento de Merleau-Ponty estabelece uma conexão significativa com a estética. As questões estéticas escapam ao modelo racional acontecendo de imediato, sem finalidade objetiva muito fechada como acontece com o pensamento científico. Mas alguns autores

como Kant, Hegel etc, conseguiram elucidar em palavras determinados aspectos em como essa apreensão estética acontece. Entre estes incluo também Merleau-Ponty.

### **Reflexão final**

Apesar de admitirem esquemas diversos quanto ao resgate do passado e do futuro (pois Bergson admite determinada linearidade e Merleau-Ponty admite uma forte nuance, variação quanto ao anterior e o posterior), ambos, enfatizam o momento singular presente, apesar de efêmero, mas carregado de uma potencialização necessária, onde o ser deve encontrar-se plenamente. Existe uma imanência que é contemporânea de todos os tempos, campo de presença onde o sujeito encontra-se conectado com o todo. Rede de intencionalidades que admite psíquica e momentaneamente campo da vida global, talvez imperceptível, mas viva. Jorra (termo em Bergson) da vida e para a vida.

Apesar de Merleau-Ponty criticar Bergson quando admite diferentes instantes, continuidade, concorda pelo fato da valorização da continuidade como um fenômeno essencial ao tempo.

\* \* \*

### **Referências:**

BERGSON, Henri. *Creative evolution*. New York: Dover, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

QUINTANA, Mário. *Caderno H*. São Paulo: Globo, 2003.